



FICHA DE INSCRIÇÃO

**Concurso de Redação 2020 – 10ª edição**  
**“Escreva seu futuro nas Faculdades Integradas de Jaú”**

Título da Redação	
Nome do Aluno	
Telefone para contato	
Data de Nascimento	
Curso de interesse nas FIJ	
Nome do Professor Responsável	
Telefone para contato	
E-mail do Professor	
Nome da Escola	
Endereço da Escola (rua, nº, cidade)	
Telefone para contato	
E-mail da Escola	
Data do envio da redação	



## CULTURA DO CANCELAMENTO: ENTRE A INDIGNAÇÃO SELETIVA E A DENÚNCIA COLETIVA

### TEXTOS DE APOIO

#### TEXTO 1

A “cultura de cancelamento” foi eleita como o termo do ano pelo Dicionário Macquarie, um dos responsáveis por selecionar anualmente as palavras e expressões que mais moldaram o comportamento humano. Trata-se de uma eleição que leva em conta a língua inglesa, mas que, por meio das redes sociais e da comunicação, sempre acaba escorrendo para outros idiomas — como o próprio destaque de 2019 comprova.

Movimento que tem força principalmente nas redes sociais, a cultura do cancelamento envolve uma iniciativa de conscientização e interrupção do apoio a um artista, político, empresa, produto ou personalidade pública devido à demonstração de algum tipo de postura considerada inaceitável. Normalmente, as atitudes que geram essa onda são do ponto de vista ideológico ou comportamental.

Nas palavras do Dicionário Macquarie, a cultura do cancelamento é “um termo que captura um aspecto importante do estilo de vida deste ano. Uma atitude tão persuasiva que ganhou seu próprio nome e se tornou, para o bem ou para o mal, uma força poderosa”. O termo é selecionado por um comitê de linguistas, especialistas e teóricos selecionados pela instituição, encabeçando uma lista de quatro que também é submetida à votação do público.

As menções honrosas ficaram para termos como “eco-ansiedade”, uma preocupação com o meio-ambiente e os rumos do planeta que se reflete em ataques de pânico, gatilhos, pensamentos obsessivos, insônia, exaustão e outros sintomas, bem como “ngangkari”. O termo, incorporado no inglês australiano se refere aos curandeiros de tribos aborígenes do país e ganhou atenção não apenas por seus métodos ganharem espaço no país, como também por não ter sido traduzido ou anglicizado, mantendo suas raízes tradicionais ao ser adicionada ao vocabulário.

A última eleita foi “thicc”, palavra que tem raízes africanas e se refere a um estado de espírito voltado à positividade corporal e não conformidade com padrões estéticos. As quatro, agora, partem para uma votação pública cujos eleitos serão conhecidos no dia 10 de dezembro, seja para corroborar a visão dos especialistas ou mostrar a visão da população em geral, elegendo, por fim, os termos que realmente definiram o ano de 2019.

Caso você esteja estranhando a citação de um termo como “palavra do ano”, essa também é uma tradição quando falamos do Dicionário Macquarie. Em 2018, por exemplo, a instituição escolheu “me too”, em alusão ao movimento contra o assédio sexual e agressão de mulheres, enquanto a escolhida em 2017 foi “milkshake duck”, uma espécie de precursor da atual cultura do cancelamento que se refere a alguém cuja imagem pública ou intenções parecem puras, mas acabam sendo desmascaradas de alguma maneira.

<https://canaltech.com.br/redes-sociais/a-cultura-de-cancelamento-foi-eleita-como-termo-do-ano-em-2019-156809/#:~:text=Movimento%20que%20tem%20for%C3%A7a%20principalmente,tipo%20de%20postura%20considerada%20inaceit%C3%A1vel.>



## TEXTO 2

### Quais os efeitos da cultura do cancelamento

Por Juliana Domingos de Lima, 01 de novembro de 2019

Fenômeno nas redes sociais, ato de boicotar figuras públicas que agem de forma considerada ofensiva é muitas vezes menos efetivo do que gostariam seus adeptos e do que alardeiam seus críticos.

Além dos seus usos mais tradicionais – como deixar de assinar um serviço ou desmarcar um compromisso agendado –, o verbo “cancelar” tem sido empregado com frequência, recentemente, para pessoas. O ato de cancelar alguém costuma ser aplicado a figuras públicas que tenham feito ou dito algo considerado condenável, ofensivo ou preconceituoso.

São inúmeros os exemplos de cancelados, e a lista aumenta a cada semana. O cancelamento é primeiramente decretado numa rede social, onde gera uma onda de críticas e comentários. Depois estampa manchetes e, normalmente, é seguido de uma retratação do cancelado, que pode ou não ser acatada por seus críticos.

Em 2019, o funkeiro MC Gui foi cancelado após postar um vídeo no Instagram no qual ri de uma criança, gravado em uma viagem à Disney. No vídeo, que foi apagado, a menina está visivelmente incomodada. Acusado de bullying nas redes sociais, o artista teve contrato e shows (literalmente) cancelados e publicou um vídeo de desculpas. Em contrapartida, porém, ganhou milhares de seguidores durante a polêmica.

“Há um aspecto performativo no cancelamento, pode-se argumentar que ele paradoxalmente amplifica aquilo que busca suprimir, mesmo que só naquele momento”, diz um artigo publicado pelo site do dicionário de língua inglesa Merriam-Webster em julho de 2019

Cancelar alguém publicamente requer um anúncio, o que torna o alvo do cancelamento objeto de atenção. Isso seria um contrassenso, na visão do artigo, uma vez que “o objetivo por trás do cancelamento é muitas vezes negar essa atenção, para que a pessoa perca sua relevância cultural”.

Para ser cancelado, não é preciso nem mesmo estar vivo: a internet brasileira proclamou no fim de outubro o cancelamento do músico Raul Seixas, após uma nova biografia levantar suspeitas de que ele tenha delatado o amigo Paulo Coelho a agentes da ditadura militar.

O cantor americano Michael Jackson, que morreu em 2009, também foi alvo de um movimento semelhante após o lançamento do documentário “Deixando Neverland”, em março de 2019, que reavivou a discussão sobre as acusações de abuso infantil contra o músico.

### Quais as origens do fenômeno

Internacionalmente, a ideia de cancelar celebridades é relacionada ao movimento #MeToo, série de denúncias de assédio sexual contra homens poderosos que se espalhou pelo mundo a partir de 2017, e que fez com que vários agressores fossem “genuinamente ostracizados em uma onda cultural de alta velocidade impulsionada pelas redes sociais”, segundo descreve o jornalista Osita Nwanevu em uma análise na revista americana New Republic.



Em meados de 2018, uma reportagem publicada no jornal New York Times explicava o fenômeno ao declarar que todo mundo estava cancelado, citando Kanye West, Taylor Swift e Gwen Stefani, entre outras celebridades.

Esse clamor pela responsabilização de pessoas públicas por seus atos e declarações tem pautado o comportamento delas nas redes e em eventos públicos, assim como o de marcas e outras figuras.

Ao **Nexo** a arquiteta, colunista da revista Marie Claire e feminista negra Stephanie Ribeiro disse que os cancelamentos não são propriamente uma novidade. "Há um ou dois anos atrás, a gente não falava em cancelamento, mas em linchamento virtual", disse.

Ela liga essas movimentações às redes sociais, "às possibilidades de interação e de resposta muito mais rápidas", tanto no que diz respeito a reagir a algo que desagrade quanto a conectar pessoas que pensam da mesma maneira.

Para Ribeiro, os questionamentos feitos à conduta de figuras públicas estão relacionados à popularização das pautas raciais e feministas, que passaram a ocupar um espaço maior na fala do público geral. "Não é mais uma pauta só de acadêmicos ou especialistas. As pessoas falam muito mais sobre esses assuntos, então conseguem identificar e criticar também com maior facilidade as reproduções dessas lógicas", disse.

O fato de as redes possibilitarem um canal mais direto do público com artistas e autoridades também cria condições para a cultura do cancelamento, disse ao **Nexo** Leonardo Goldberg, psicólogo e doutor em psicologia, que estuda as subjetividades no campo digital e suas implicações para a clínica psicanalítica.

Goldberg aponta que, com isso, o usuário pode participar ativamente dos perfis, das contas e das carreiras dos artistas. "Acho que a cultura do cancelamento é uma consequência desse usuário ativo, que consegue, de modo engajado, social, político e coletivo dizer se está ou não gostando" das condutas daqueles que acompanha pelas redes.

Outros dizem que, embora de fato não seja um fenômeno totalmente novo, a cultura do cancelamento tem ganhado escala.

O jornalista Osita Nwanevu, em sua análise para a New Republic, defende que a novidade não está tanto na força do cancelamento, mas em quem está fazendo as críticas: "jovens progressistas, muitas minorias, mulheres" que, em grande parte devido às redes sociais "conseguiram um lugar à mesa onde questões de justiça ou de etiqueta estão sendo debatidas e estão fazendo barulho para recuperar o tempo perdido".

## Os impactos: positivos, negativos e nulos

Muitos daqueles que foram alvo de cancelamentos, ou que se solidarizam com pessoas que tenham sido criticadas dessa forma, se queixam de uma perseguição inquisitorial que cercearia o discurso e as ações de comediantes, artistas, políticos e youtubers.

Críticos apontam ainda que as reações muitas vezes alcançam dimensões desproporcionais ou se dão sem base em fatos.

"Não existe qualquer zona cinzenta a partir da lógica do espetáculo", pondera o doutor em psicologia Leonardo Goldberg. "E a cultura do cancelamento entra nessa esteira de modo completamente arbitrário, porque [faz parte] da lógica da não contradição, tão presente na internet. Não existe conversa ou escuta".

"Acho que o [aspecto] negativo é a forma como a gente lida numa certa cultura do 'hater', do ódio, esquecendo que precisa fazer críticas mais embasadas e ter mais consciência coletiva da nossa responsabilidade", disse ao **Nexo** a colunista e feminista Stephanie Ribeiro.



Os efeitos da cultura do cancelamento, no entanto, são em geral menos efetivos do que os “canceladores” poderiam desejar e do que os “cancelados” costumam alardear.

“Às vezes, é uma forma até meio rasa de lidar com questões que são estruturalmente muito complexas”, afirma Ribeiro. “Não vejo impactos muito reais em relação a manifestações virtuais que confrontam comportamentos ou falas”.

Ela cita o caso do jornalista William Waack, que foi demitido da Rede Globo após o vazamento de um vídeo no qual fazia comentários racistas, e teve sua contratação recentemente anunciada por uma nova emissora.

Ela afirma que a duração e o impacto do cancelamento têm “muito a ver com o lugar social que cada qual desses atingidos ocupa e o peso que a sociedade dá ou não para o que está sendo apontado”, lembrando do caso do músico Wilson Simonal, um homem negro, “cancelado” pela classe artística e intelectual na época da ditadura militar por ser visto como informante do regime.

O autor do artigo da New Republic, Osita Nwanevu, vai ao encontro desses questionamentos sobre o verdadeiro impacto da cultura do cancelamento, sugerindo um entendimento mundano da questão: enxergá-la como expressões públicas e corriqueiras de desagrado, manifestadas por pessoas comuns em novas plataformas.

“Se nós vemos passando vertiginosamente de ultraje em ultraje a cada semana, devemos considerar que isso nunca custou tão pouco ou resultou em provocadores e ‘contrariadores profissionais’ ganhando tanto”, escreveu.

Embora critique a ausência de diálogo que impede “qualquer operação simbólica que possa fazer aquela pessoa mudar de opinião, porque ela é simplesmente cancelada”, Goldberg vê de maneira positiva que as críticas transformam os discursos públicos “em algo atravessado por uma política daquilo que concerne a população, ao bem maior. Todos aqueles que passam a emitir discursos públicos vão ter que se haver com aquilo que dizem”.

Além de mostrar que temas como o feminismo e o combate ao racismo estão mais difundidos, o efeito sobre discursos preconceituosos de figuras públicas também é o aspecto da cultura do cancelamento que Stephanie Ribeiro identifica como positivo.

“Hoje uma pessoa não pode dar uma entrevista e falar algo racialmente absurdo, porque alguém vai dizer 'não, isso está errado'. E aí isso vira uma chuva de comentários e de tuítes, de falas, ações, respostas, vídeos. É muito positivo perceber que as pessoas estão identificando mais facilmente determinadas condutas”, disse.

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/11/01/Quais-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>